



"COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL

JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL

Falando de Tony Boy...

Nos anos 60 e 70, Montes Claros poderia até ostentar o título de cidade dos cinemas. Eles se espalhavam por todos os lados, possibilitando acesso fácil à sétima arte, principal coqueluche daquelas quadras. Quando criança, fui vizinho de dois: Nova Olinda e Ipiranga. Foram neles que assisti aos meus primeiros filmes, seriados, ouvi os primeiros prefixos, que vivi as primeiras matinês. Os outros, Coronel Ribeiro, São Luiz, Fátima, Lafeté e Montes Claros completariam a minha paixão pela telona. Vivía nas suas salas, cinéfilo assumido.

Pode parecer lugar-comum lembrar o glamour de nossos cinemas, mas é que além dos astros que desfilavam em tela cinemascopo, como Gary Cooper, Marlon Brando, Yul Brynner, John Wayne e outros hollywoodianos, tínhamos também nosso provinciano "big star" na plateia: Tony Boy. Montes-clarense da gema, bonachão, piadista contumaz, sempre risonho, mais gordinho que magrinho, Tony Boy era uma figura simpática e de quem todos gostavam. O triste é que Tony Boy morreu, naqueles mesmos anos, ainda na flor da idade, vítima de um acidente de carro no famigerado "trevo da Cowan", local de outras tantas tragédias que enlutaram a cidade.

Montes Claros chorou. Todos gostavam de Tony Boy. Sem ele, as salas de cinema pareciam vazias. É que antes das sessões, nosso artista de carne e osso brindava o público

com suas tiradas, algumas, é verdade, sem muita graça e que resultavam em estrondosas vaias e alguns palavrões da plateia. Uma dessas tiradas, inclusive, a mais conhecida de seu repertório, ninguém aguentava mais. Bastava repeti-la, o que era trivial, para que as vaias ganhassem eco ensurdecedor.

- Pelo amor de Deus, Tony Boy, conta outra! Essa já não tem mais graça nenhuma! - berravam os menos tolerantes.

Que tirada era essa? Bem, quando as luzes se apagavam e ouvia-se o prefixo, Tony Boy levantava-se da poltrona e andava até debaixo da tela, colocando-se bem diante das pessoas. Empertigava-se com cara de gente séria, pedia atenção e alertava a plateia com sua voz possante.

- Olha, gente, o filme é bom. Bom demais! O problema é que o mocinho, coitado, morre no fim. Uma tragédia.

Em seguida, voltava para sua poltrona sob sonoras vaias e outros palavrões impublicáveis, acenando para todos.

- Obrigado, meus fãs! E solta a fita, Jacó! - gritava, para o mais celebrado de nossos maquinistas.

** Jornalista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras*



